



A Capoeira Como Simulacro Simulado¹

Lívia Renata da Silva BRITO²
Nathan Nguangu KABUENGUE³
William Costa da SILVA⁴
Élida Fabiani Morais de CRISTO⁵
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

A proposta de discussão neste artigo é trazer a relação da capoeira, como manifestação de arte, cultura e identidade de um povo à luz dos teóricos da contemporaneidade e cultura. Em especial o filósofo francês Jean Baudrillard, que em 1981, em seu livro *Simulacros e Simulação*, trouxe a proposta de discutir o real e o irreal, verdade e verdadeiro, dentre outros conceitos. Apresentaremos outros teóricos para enfatizar a capoeira e sua relação com a cultura da contemporaneidade e por sua vez, a pós-modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira. Cultura. Contemporaneidade. Pós-Modernidade.

Contexto Histórico

A capoeira tem suas origens no século XVI, quando o Brasil ainda era colônia de Portugal e a mão-de-obra no país era sustentada, principalmente pelos escravos africanos. Segundo Rego (1968) a capoeira é uma manifestação de negros africanos que teve suas origens no Brasil.

Os colonizadores brasileiros usavam de arbitrariedade para com os escravos, práticas violentas, abusivas e castigos eram comuns e como forma de defesa, perceberam a necessidade de desenvolver formas de proteção contra os senhores de engenho.

¹ Trabalho apresentado no IJ 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Discente de graduação, do 5º semestre do curso de Comunicação Social: Jornalismo, da FACOM/UFPA, e-mail: liviaarenata.brito@hotmail.com

³ Discente de graduação, do 5º semestre do curso de Comunicação Social: Jornalismo, da FACOM/UFPA, e-mail: nathanguangu@hotmail.com

⁴ Discente de graduação, do 5º semestre do curso de Comunicação Social: Jornalismo, da FACOM/UFPA, e-mail: contato.wcosta@gmail.com

⁵ Docente da disciplina Teorias da Cultura e do Contemporâneo, da Faculdade de Comunicação da UFPA, e-mail: elida.fmc@gmail.com e orientadora do artigo.



Como eram proibidos pelos senhores, os escravos adaptaram suas danças, movimentos ágeis e complexos, com a presença de chutes, rasteiras, cabeçadas, joelhadas, dentre outros, adicionado de musicalidade, no que se chamaria posteriormente de capoeira. Essa prática se dava em terreiros próximos às senzalas e muitas vezes em campos com pequenos arbustos, conhecidos como capoeira ou capoeirão, o que deu nome à luta.

Até meados da década de 1930, a prática da capoeira ficou proibida no Brasil, pois era vista como prática violenta, com isso a polícia recebia orientações para prender quem a praticasse. Mas, apresentada ao então presidente Getúlio Vargas, a arte ganhou notoriedade e Getúlio a transformou em esporte.

Relação com Teóricos da Cultura e do Contemporâneo

O sociólogo e filósofo Francês, Jean Baudrillard, aborda questões específicas de relação entre a realidade e a irrealidade, ou melhor, entre a realidade, a imagem e a sociedade, em sua obra “Simulacros e Simulação” escrita em 1981.

Para o autor, simulacros são todos os tipos de estereótipos, de modelos, cujo significado funciona por si só, sem a necessidade de um referencial físico ou factual, ou seja, signos ou imagens com sentidos próprios, se confundindo ou produzindo realidade de fato.

A sociedade contemporânea torna a experiência humana uma simulação, pelo fato de substituir o significado e a realidade por signos e símbolos. Baudrillard aponta que os simulacros não são uma mediação entre a realidade e a imagem, pois, simular

“é fingir ter o que não se tem. (...) mas é mais complicado, pois simular não é fingir (...) fingir, ou dissimular, deixam intacto o princípio da realidade: a diferença continua a ser clara, está apenas disfarçada, enquanto que simulação põe em causa a diferença do “verdadeiro” e do “falso”, do “real” e do “imaginário”” (BAUDRILLARD, 1981, p. 9-10).

Mesmo que ele mesmo não fale abertamente sobre a pós-modernidade, mas como sua crítica sobre a sociedade atual chega ao momento em que as teorias pós-modernas transparecem e se multiplicam com isso seu pensamento foi considerado como pós-moderno.

É através de vários exemplos tais como “a fábula de Borges”, “a irreferência divina das imagens”, “Ramsés ou a ressurreição cor-de-rosa”, “hiper-real e imaginário”, “o encantamento político” e “as escassas dezenas de Tasaday” que Baudrillard (1981)



sustenta sua tese. Partindo da mesma visão, aplicamos o conceito de simulacro e simulação no surgimento e expansão da capoeira no Brasil.

A história da capoeira começa como já vimos, na época colonial do Brasil, precisamente no século XVI, quando os escravos africanos buscavam desenvolver formas de proteção e de libertação contra a mão colonial opressora que os castigavam e violentavam. Pois, como eles não conheciam a nova terra e nem as línguas faladas, eles só um direito de apanhavam e trabalhavam. É nesse clima que eles começaram a se relacionar entre si provocando uma mistura cultural, ou seja, uma cultura híbrida, assim, favorável ao surgimento de novos jogos, culinárias, danças, etc.

Segundo Canclini (2011) a hibridação é um conjunto de processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas, ou seja, ao ser criada a capoeira, mesmo que não se tenha dado conta de tanta especificidade, é notório o fato da combinação, ou da recombinação de elementos que juntos, ou precisamente agregados, trazendo características peculiares de cada um, como esporte, música, dança, defesa, criando a capoeira, como a conhecemos hoje, bem como pontua o autor.

Ao perceber que a defesa através da luta era eficaz contra sua opressão, o colonizador proibiu toda prática de luta. Para contornar o obstáculo, os africanos misturaram ritmo e os movimentos de suas danças com um tipo de luta que deu origem à capoeira. Suas práticas se realizavam nos terreiros próximos às senzalas e, no início, tinham como relevância, a manutenção da cultura, da saúde física e do alívio do estresse do trabalho. Não queremos retomar a história da capoeira aqui, mas entender por que a capoeira é uma simulação que cria um simulacro.

O que é importante na retomada da história do surgimento da capoeira é que, ao se relacionar, os africanos matavam a saudade das suas terras deixadas atrás através da música, do batuque, das histórias contadas nas rodas, através da capoeira, isto é, através das lembranças, imagens ou nostalgia que, Baudrillard (1981) considera que favorece o surgimento da simulação e do simulacro, pois,

“quando o real já não é o que era a nostalgia assume todo o seu sentido. Sobrevalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade. Sobrevalorização de verdade, de objetividade e de autenticidade de segundo plano. Escalada do verdadeiro, do vivido, ressurreição do figurativo onde o objeto e a substância desapareceram” (BAUDRILLARD, p. 14).

O fato de que os africanos, para contornar o obstáculo de proibição da administração colonial de prática de luta, simularam a capoeira como sendo uma dança



e um conjunto de rituais referente à sua cultura, graças a uma mistura dos golpes da luta com a música, ginga, malícia e mandinga africanas, pois simular, literalmente significa imitar um fato ou fenômeno real. Além da nostalgia sociocultural dos africanos, que favoreceu o nascimento da capoeira – tipo de luta marcial que não existia – atestando sua natureza de simulacro, entendido como um conjunto de signos e símbolos que representam uma realidade que nunca existiu ou que não possui mais seu equivalente na atualidade.

Mostrar que a capoeira é um simulacro e uma simulação a partir do seu surgimento, não é suficiente, precisamos de uma explicação que traga à luz, desde a sua evolução até se tornar uma simulação e um simulacro. Como Baudrillard (1981), que buscou mostrar através da “irreferência divina das imagens”, questionando como a representação virou um simulacro. Vejamos as fases da evolução da capoeira, para percebermos como se dá essa simulação e o simulacro, segundo o autor.

Antes de examinar as fases sucessivas da imagem, Baudrillard (1981) parte de uma premissa de que enquanto que a representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, a simulação envolve todo o próprio edifício da representação como simulacro, além de mostrar que a imagem passa por quatro fases antes de se tornar um simulacro,

“no primeiro caso, a imagem é uma boa aparência – a representação é do domínio do sacramento. No segundo, é uma má aparência – do domínio do malefício. No terceiro, finge de ser uma aparência – é do domínio do sortilégio. No quarto, já não é de todo do domínio da aparência, mas da simulação” (BAUDRILLARD, 1981, p. 13).

Na sua evolução, a capoeira, passou por três tipos distintos de estilos. O primeiro estilo, o mais antigo, pelo fato que foi criado na época colonial e chamado de “capoeira angola” se caracteriza por um ritmo musical lento, golpes próximos ao solo e muita malícia. Este estilo corresponde à primeira e à segunda fase sucessiva da imagem que Baudrillard (1981) examina. Isto é, quando a representação é do domínio do sacramento e quando ela é de domínio do malefício.

Foi visto que a capoeira foi um grande instrumento de fuga e defesa dos negros contra seus senhores e também da manutenção e meio de matar saudade da terra dos anciãos. Até aqui, mesmo sendo um simulacro simulado, a capoeira era como diz Baudrillard (1981), “do domínio do sacramento”, pois, foi a única forma de se lembrar dos momentos passados e de se comunicar espiritualmente com os parentes que ficaram



em seu local de origem, em suma, momento sagrado vivido pelos negros na terra alheia graças à ilusão de uma existência das tradições das suas terras.

Com o passar do tempo, ao se perceber que a capoeira é um instrumento de luta e defesa, a administração colônia a proibiu no Brasil, ou seja, conjectura-se aí a existência de simulacro capoeira.

Para contornar a proibição, os africanos deslocaram a capoeira do domínio do sagrado para o domínio do malefício. Isto é, a luta foi confundida com a dança e rituais tradicionais pelos senhores colonizadores que mais tarde, perceberam que a nova “dança” era um simulacro proibido, e vista como profano para a sociedade. A partir de então, a capoeira ficou proibida no país até em 1930, ano que ela foi “sacralizada”.

O segundo estilo da capoeira, conhecido como “estilo regional”, se caracteriza com golpes rápidos e secos sem acrobacias. Ele é uma mistura da malícia da capoeira “angola” com jogo rápido e ao som do instrumento musical denominado berimbau.

É um estilo que corresponde ao domínio do sortilégio, isto é, à fase onde a imagem finge de ser uma aparência. Aqui, a capoeira deixa de ser uma luta para se tornar uma arte, deixa de ser um palco de luta para virar uma plateia de diversão. Cessa de ser uma profanação para se tornar sagrada ou uma “hiper-realidade”.

O Mestre Bimba⁶ é considerado a figura responsável pelo desenvolvimento deste estilo e a pessoa que fez com que a capoeira fosse de penalizada para liberada no país. Depois de muita luta para a capoeira ser aceita, foi só em 1937, com uma apresentação feita pelo Mestre Bimba e seus alunos da capoeira para o então presidente da república, Getúlio Vargas. O presidente Vargas revogou a Lei Sampaio Ferraz⁷, que legalizava e liberava a capoeira para a prática como esporte.

Esta legalização pode ser vista como um ato que materializou a simulação e a natureza do simulacro da capoeira pelo fato de classificá-la como uma “cultura nacional”. Sendo uma cultura, a capoeira deixa de ser uma luta para se tornar como arte confundindo seus leigos que podem considerá-la como uma dança, um jogo etc. Pois,

“algo desapareceu (...) a magia do conceito e o encanto do real (...) é toda a metafísica que desaparece. Já não existe o espelho do ser e das aparências, do real e do seu conceito (...) é a miniaturização genética que é a dimensão da simulação (...) é um hiper-real, produto de síntese irradiando modelos combinatórios num hiperespaço sem atmosfera” (BAUDRILLARD, p. 8).

⁶ Criador da Luta Regional Baiana (capoeira regional).

⁷ Lei n. 487, de 11 de outubro de 1890, de autoria do paulista Sampaio Ferraz, que estabelece: o praticante de ginástica de agilidade corporal conhecida como capoeiragem será punido com a pena de 2 a 6 meses de trabalho forçado na ilha Fernando de Noronha.



Podemos dizer que a lei Sampaio Ferraz dava um valor considerável à capoeira como foram os

“iconoclastas, acusados de desprezar e negar as imagens, eram os que lhes davam o seu justo valor (...) os iconoclastas foram os espíritos mais modernos, (...) uma vez que, sob a luz de uma transparição de Deus no espelho das imagens, representavam já a sua morte e a sua desapareição na epifania das suas representações (...)” (BAUDRILLARD, p. 12).

Sob essa lei, a capoeira, mesmo sendo uma simulação e um simulacro, não perdeu sua essência de ser um instrumento de luta, de liberdade e relegação ao passado perdido e deixada no continente africano.

O presidente Vargas, como os iconólatras⁸ que, nas imagens “apenas viam reflexos e se contentavam em venerar Deus em filigrana” (BAUDRILLARD, p. 12), causa com seu decreto, a quebra da barreira que existia entre capoeira como uma luta e enquanto uma dança.

A capoeira passa a ser racionalizada com a licença que o presidente Vargas deu ao mestre Bimba de registrar sua escola de capoeira. Essa passa a ser um conjunto de signos e símbolos e não uma realidade vivida e sentido, quando se aprendia ao jogar e observar as rodas nas praças.

A “passagem dos signos que dissimulam alguma coisa aos signos que dissimulam que não há nada, (...) inauguram a era dos simulacros e da simulação (...) onde já não existe Juízo Final para separar o falso do verdadeiro, o real da sua ressurreição artificial (...)” (BAUDRILLARD, p. 14): este é o terceiro tipo de capoeira, conhecida como “capoeira contemporânea” que corresponde ao domínio da simulação, e não ao da aparência, pois ela corresponde com a mistura dos dois primeiros estilos ou “é a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade” (BAUDRILLARD, p. 8).

Desprovida da sua utilidade, realidade, e história que Fredric Jameson (2007) chama “perda da historicidade” que nos leva a ter uma sensibilidade nostálgica da história que nós sacralizamos sem o sagrado para profanar o presente sem o passado, isto é, a capoeira, hoje, é apenas uma representação dissimulada do que foi anteriormente, pois se perdeu o sentido real histórico da verdadeira cultura. Quando se faz essa reestruturação da capoeira, há uma ruptura, onde se sai pela busca do novo, e assim, uma passagem do moderno para o pós-moderno.

⁸ Cultuavam imagens.



Nesse sentido,

“O pós-moderno é o que se tem quando o processo de modernização está completo e a natureza se foi para sempre. É um mundo mais completamente humano do que o anterior, mas é um mundo no qual a ‘cultura’ se tornou uma verdadeira ‘segunda natureza’” (JAMESON, 2007, p. 13).

Porém, Jameson (2007) faz uma observação acerca do que pode ser ruptura ou apenas uma continuidade do que vivemos, ao dizer que:

“decidir se o que se tem diante de nós é uma ruptura ou uma continuidade – se o presente deve ser visto como historicamente regional ou como uma mera repetição do mesmo em nova embalagem – não é algo que possa ser justificado empiricamente, ou defendido em termos filosóficos (...)” (JAMESON, 2007, p. 16).

Podemos entender dessa forma, que a capoeira, enquanto esporte, tenta lembrar uma história passada. Mas, de fato, a capoeira passou por algumas transformações, em parte influenciada pela indústria cultural. Nesse sentido, a Capoeira Regional e Capoeira Angola tomaram outros contornos. Na pós-modernidade, com a era da globalização, os interesses pelo capital, o consumo e a mercadoria ganham outras proporções, e a capoeira se torna também um produto de interesse para difusão em outros lugares, pois, segundo Jameson (2007) na cultura pós-moderna, a própria ‘cultura’ se tornou um produto, o mercado tornou-se seu próprio substituto, um produto exatamente igual a qualquer um dos itens que o constituem.

Hoje, a capoeira virou um “Esporte nacional” viabilizado pelo Mestre Zuma⁹ que em 1928, escreveu o primeiro manual da capoeira¹⁰. Com isso, a capoeira deixa os terreiros para os ginásios privando e deixando com saudade as matas, animais e árvores de assistir a luta dos dois protagonistas que se terminava com a morte ou a derrota de um dentre eles. Além de ganhar os ginásios nacionais, a capoeira ganhou o mundo afora não como crime a reprimir, mas como esporte, lembrando a realidade sem historicidade da história dos negros africanos no Brasil.

O exemplo disso é o filme “Esporte Sangrento” (Spectrama, 1993, EUA) com o título original de “Only the Strong”, exibido em 1993 marcando a globalização entendida como, segundo Ortiz (1994) uma produção, distribuição e consumo de bens e de serviços, organizados a partir de uma estratégia, e voltados para o mercado mundial. Ou como bem observado por Jenkins (2008) o termo cultura da convergência que

⁹ Anibal Burlamarqui (Zuma), autor do livro: “Ginástica Nacional (Capoeiragem) Metodizada e Regrada.”

¹⁰ “Ginástica Nacional (Capoeiragem) Metodizada e Regrada” de Anibal Burlamaqui, publicado em 1928.



designa o fluxo de imagens, sons, marcas e histórias nos meios de comunicações com objetivo de promover uma mensagem ou marca.

Com o processo de esportivização, a capoeira passa a ser vista não mais como uma expressão de luta e desobediência pelo governo, mas pela lógica do capital, como um esporte, ganhando novas características, esquecendo-se de suas tradições.

Neste novo simulacro, o adversário não o é, pois, segundo Baudrillard (1981) o que já não existe é a adversidade dos adversários, é a realidade das causas antagonistas, é a seriedade ideológica da guerra, mas o comparsa de simulação onde o objetivo não é mais de aliviar o estresse do trabalho, mas ela virou não um trabalho ou a defesa da escravidão como o fazia Zumbi¹¹ para defender o grande quilombo de Palmares, mas de ganhar dinheiro em simular uma luta que toma dimensão espetacular (hiper-realidade) que a luta que matou Zumbi no dia 20 de novembro de 1695.

Nasce então, uma capoeira movida pela lógica do capitalismo, que abandonou suas tradições e costumes, perdendo a sua historicidade, devidamente ajustada aos moldes da indústria cultural, sob a égide da pós-modernidade. Como esporte, a capoeira se torna indissociável da indústria cultural, principalmente no que se refere aos meios de comunicação, que se valem da espetacularização do esporte.

Considerações finais

Percebe-se, contudo, as premissas do teórico Baudrillard, que ao relacionarmos a capoeira, constatamos em suma análise que ela pode ser sim, considerada como simulacro.

Entende-se que a capoeira é uma forma de retomar a nostalgia das tradições perdidas de um povo que foram trazidos à força ao Brasil, na condição de escravos. Neste sentido, entendemos a presença de um simulacro, ou seja, cria-se uma imagem que não tem realidade, uma hiper-realidade.

Como observamos no discurso de Jameson (2002), de que a pós-modernidade emerge como uma nova ordem social e econômica após a segunda grande guerra mundial, recebendo também as denominações de capitalismo multinacional, sociedade do espetáculo ou da imagem, capitalismo da mídia e sistema mundial.

¹¹ Zumbi (Capitania de Pernambuco, 1655 — 1695) foi o último dos líderes do Quilombo dos Palmares, o maior dos quilombos do período colonial.



A capoeira, assim vista como produto dessa espetacularização da mídia, perpassando pela cultura cultivada e reproduzida pelos povos africanos, gerando o simulacro de esporte e dança.

Referencial Bibliográfico

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

JENKIS, Henri. **Cultura da Convergência**. São Paulo. São Paulo: Aleph, 2009.